

JORNAL ECO DE VAGOS

Periodicidade Mensal | Distribuição Gratuita | Diretor: Eduardo Fernandes

NOVO PROJETO EM VAGOS

Contrato Local de Desenvolvimento Social 4G teve início a 4 de maio.

SUP III



Vagos CONVIDA

CLDS 4G

SEGURANÇA PARA COMERCIANTES E CLIENTES

Numa primeira fase, a autarquia entregou 1145 viseiras em 373 espaços comerciais do concelho. A União de Freguesias de Vagos/Santo António (361) foi a que mais recebeu.

PÁG. 4

NEGÓCIO FECHADO

A Siemens Gamesa é o novo dono da RiaBlades. Segundo o grupo espanhol, a aquisição ascendeu a 200 milhões de euros.

PÁG. 4

REVITALIZAÇÃO DA ECONOMIA LOCAL

Preocupados com as consequências do impacto da COVID-19, Câmara e NEVA lançaram um pacote de medidas.

PÁG. 5

SENHORA DE VAGOS: A DEVOÇÃO DE SEMPRE

Celebração festiva, sem a presença de fiéis, presidida pelo Bispo de Aveiro, que no final procedeu à bênção do “bodo” de Cantanhede. A noite, transportada em veículo dos bombeiros, a imagem de Senhora percorreu as ruas da vila, ao som de preces e cânticos.

PÁG. 7



PRAIAS COM BANDEIRAS

As praias de Vagos (Vagueira e Areão) voltaram a ser distinguidas com a Bandeira Azul. Atribuída pela Quercus, a “praia de ouro” também chegou à Vagueira, Labrego e Areão.

PÁG. 10



PALACETE VISCONDE DE VALDEMOURO

Concurso público de reabilitação foi publicado em Diário da República. Projeto tem valor base de 3.550 milhões de euros, e o prazo de execução é de 730 dias.

PÁG. 10



EDITORIAL: Desconfinados, mas não desconfiados...

1. Estamos de volta, prontos para dar continuidade ao projeto do ECO. E encarar, com redobrada confiança, a nova realidade resultante do fenómeno pandémico, que diariamente atinge o país e o mundo. Tempos diferentes e de grande dificuldade, que serão oportunidade única para nos reinventarmos, outra vez, agora que estamos na terceira fase do desconfinamento, e onde a comunicação se requer positiva.

Na edição deste mês, como não podia deixar de ser, destaque para o “Dia do Município” que acabou por não ser festejado com a habitual solenidade, como manda a [boa] tradição. Ficou-se pela cerimónia religiosa no santuário mariano, presidida pelo bispo diocesano, que considerou estranho celebrar “com

meia dúzia de pessoas, quando o normal seria para milhares”. Apesar disso, como diria o vigário-geral, peregrinar em tempo de calamidade, com marca Covid, terá sido oportunidade de “abrir a mochila e descarregar toda esta história”, aos pés da Senhora de Vagos. Para o ano que vem, confiamos, lá estaremos todos, sem medos e com a mesma devoção. E apostamos que também haverá cerejas...

Porque, afinal, “unidos somos mais fortes”, como assinala o presidente da câmara, na mensagem que inserimos nas páginas deste jornal. Convicto de que, depois de “curar as feridas e recuperar o tecido económico e social”, o autarca vaguense, que aproveitou para elogiar os munícipes por terem tido “prudência, responsabilidade e comportamento excepcional”, no

confinamento exigido, garante que iremos ter, em 2021, uma festa do município “em grande”.

2. Assim sendo, porque é preciso acreditar, julgamos que neste “labirinto de dúvidas” acabará por ficar tudo bem. E porventura até ficaremos mais ricos, face ao glossário de termos que [hoje] bem conhecemos, e que vamos passar a usar no nosso dia-a-dia. Falaremos, por exemplo, do combate à Covid-19, do surto que virou pandemia, que teve o seu período de incubação e obrigou a triagem para detetar o vírus. Aqui chegados, foi introduzida a quarentena, decretado o estado de calamidade, e houve casos suspeitos e confirmados e outros apenas suspeitos. De fora ficaram os assintomáticos. Como diria a escritora Joaquina Raimundo, haverá mesmo

palavras “que sempre te direi”, porque “saem através de mim com emoção”.

EDUARDO FERNANDES - DIRETOR DO JORNAL



CONSULTÓRIO Quentes meses de verão

O corpo humano é um organismo complexo e que se adapta ao meio ambiente. Assim, na altura do verão, em resposta aos dias mais quentes, o corpo liberta água na forma de transpiração para se manter mais fresco.

É importante perceber que a ingestão de água é a única forma de conseguirmos recuperar esta perda de líquidos, mesmo que o nosso corpo não nos transmita a sensação de sede. Nunca se esqueça que as bebidas com açúcar são desaconselhadas, incluindo as “light”, pois, apesar do sabor refrescante, levam a uma maior perda de água. As bebidas alcoólicas seguem a mesma ideia, prejudicando ainda mais o nosso corpo.

É aconselhado beber pelo menos 1,5 litros de água por dia e, para se tornar fácil ou saboroso pode aromatizá-la ao seu gosto, adicionando pedaços de fruta, especiarias, ervas aromáticas ou até hortícolas (ex. pepino). Pode controlar o grau de hidratação através da urina: é desejável que tenha cor clara, sem cheiro e faça em quantidade abundante.

Além da ingestão de líquidos é também importante focar-se numa dieta ligeira, com refeições frequentes e composta por alimentos ricos em água, tais como hortícolas e fruta.

Uma boa opção para as grandes refeições do dia é a sopa, pois contém elevada quantidade de legumes e de líquidos.

Juntamente com o calor, vem o sol, sendo necessária atenção redobrada aos cuidados da pele. É importante o uso diário de protetor solar com índice de proteção elevado (FP30 ou mais), e mesmo estando nublado deve manter-se sempre protegido do sol, principalmente nas horas de maior calor (11h até às 16h).

Assim:

- Beba pelo menos 1,5 litros de água por dia - Não se esqueça que a água é portátil, por isso leve sempre consigo uma garrafa de água;

- Coma alimentos leves, frescos e várias vezes ao dia;

- Use protetor solar todos os dias e vá aplicando várias vezes ao dia.

Afonso Carvalho
USF Senhora de Vagos



EFEMÉRIDE Sacerdote com alma de educador

Professor e padre, político e jornalista, Joaquim Maria da Rocha destacou-se pelas “nobres qualidades de alma e de inteligência”. Natural de Lombomeão (nasceu em dezembro de 1856), matriculou-se, depois de ter sido ordenado, na Escola Normal do Porto. Em 1921 foi transferido para Aveiro, mas ao chegar à idade legal da aposentação (65 anos), foi autorizado a manter-se ao serviço, por despacho publicado, no Diário do Governo (DG) de 21 de Janeiro de 1922. Passou à inatividade em 1925, tendo entrado, como professor particular, na Escola Académica de Aveiro. Foi então louvado, por despacho ministerial, e agraciado com a importância de 60 escudos. Um ano antes de morrer, legou à Junta de Freguesia de Vagos inscrições no valor de 5.150\$00, para que o seu rendimento revertesse, no final de cada ano letivo, em dois prémios a conceder a alunos de ambos os sexos, que

“mais se tivessem distinguido pelas suas qualidades morais e intelectuais”. Seria novamente louvado, por despacho ministerial, publicado no DG de 21 de Janeiro de 1929, ano em que faleceu.

A 23 de março de 1930, para solenizar o primeiro aniversário da sua morte, o quinzenário Eco de Vagos, dirigido por Ernesto Neves, interpretando o sentir de todos os vaguenses, prestou-lhe justa homenagem. Para além da romagem ao cemitério, e sessão solene presidida pelo representante do Governador Civil, Henrique Vaz, foi descerrado o seu retrato na Escola da Vila, onde mais tarde viria a funcionar o Ciclo Preparatório.

EJ

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor Santa Casa da Misericórdia de Vagos | **Sede de redação / Sede do Editor / Morada / Contactos** Rua Padre Vicente Maria da Rocha n.º 555 . 3840 – 453 Vagos
Telefone 234 799 180 . **Email** misericordiadevagos@scmvagos.eu | **N.º de contribuinte** 501 181 164 | **N.º de registo na ERC** 126 915

Depósito legal 436462/18 | **Diretor** Eduardo Fernandes | **Tiragem** 2500 exemplares | **Preço** Distribuição gratuita | **Patrocinaram esta edição** Câmara Municipal de Vagos, Farmácia Giro, Mistolin e Caixa de Crédito Agrícola | **Colaboraram nesta edição** Eduardo Jaques, João Ferreira, Paulo Pereira, Pe. João Silva, Maria Céu Matos, Alexandre Ferreira, António Moiteiro, Frederico Cerveira, Afonso Carvalho, Maria Alice Sarabando, Serafim Marques, Padre Manuel J. Rocha, Silvério Regalado, Maria Eduarda, IPSS do Concelho, Mesa Administrativa e colaboradores da Misericórdia de Vagos.

Os artigos dos colaboradores não vinculam a Direção do Eco de Vagos, são da inteira responsabilidade dos seus autores | **Estatuto editorial publicado em:** ecoddevagos.pt

Design e Paginação Madideias.com | **Impressão** FIG - INDÚSTRIAS GRÁFICAS, SA . Rua Adriano Lucas, nº 161 . 3020-265 Coimbra

Pandemia/Isolamento

Excertos de diário meio real, meio ficcionado

Março, 18
Como se previa: hoje o decreto presidencial; amanhã, certa, a aprovação no Parlamento; sexta-feira, a regulamentação concreta. A expressão estado de emergência assusta-me, porque lhe associo a militarização do poder rumo a algum tipo de ditadura. Mas não sou capaz de discordar.

21
Para enfrentar o isolamento, elaborei um plano de resistência que inclui correr, trabalhar no quintal, ler, escrever, rotinas caseiras.

23
Poema para Itália
As sombras dos mortos encolhem-se nos cantos alastram nos espaços vagueiam pelas memórias, prontas a abrir as garras e a cravá-las na nossa arrogância distraída
Entretanto
na noite, à janela
os medos cantam

26
Saio de dois em dois dias para comprar pão. Só sei que dia da semana é, porque o computador mo diz.

29
Começa a doer, o não falar com ninguém. Fartei-me das sugestões bem-intencionadas da internet. Acrescentei ao plano: telefonar todos os dias a uma pessoa diferente.

Abril, 5
A primeira imagem, pelas 6h da manhã, é-me oferecida pelos melros: preto no corpo, amarelo no bico. Não porque os veja, mas porque o seu cantar me acorda. Só depois vem a luz e a figueira onde eles habitam. Sem quarentena talvez não tivesse reparado nas primeiras flores da ameixeira que plantei no ano passado nem no perfume das rosas amarelas rentes ao muro. Não sei de que imagens se veste a quarentena para quem vive com família numa casa de cidade. Nos casos de quem não tem família nem casa, também não.

6
Antes e agora, redefinição de necessidades
Antes: Já só tenho dois ovos. Vou tomar café, passo no supermercado. Aproveito, compro também congelados, que estão a acabar. Agora: Ainda tenho dois ovos, duas postas de pescada, duas doses de lentilhas cozidas congeladas e uma lata de atum. As necessidades proteicas estão asseguradas por uma semana. Supermercado, só daqui a dois dias (sim, o pão). De sair para um cafezinho já me esqueci.

11
Tenho cumprido militarmente o plano, mas começo a derrapar. O sono desregulou-se e apetece-me chorar quase todos os dias. Procuro piadas no facebook, absorvo as que chegam por e-mail e forço-me a brincar também: cabelo por aparar, buço por depilar, unhas sujas de tanta fava descascar... Espelho meu, espelho meu, haverá nesta quarentena mulher mais feia do que eu?



12
Impossível a qualquer governo atuar sem altos e baixos. Estamos a gerir a situação melhor que muitos países. O SNS tem aguentado o embate. Lembremo-nos disso quando voltarem tentativas de o privatizar.

25
Sempre a emoção. Comemoro folheando a biografia do Salgueiro Maia. Olho as fotografias e penso Caramba! Um menino! Completaria trinta anos, em 1 de Julho de 74. Obrigada, Salgueiro Maia.

Maio, 12
Esfrangalhada pela falta de convívio, mas sobreviva. Ajudou o privilégio de viver em casa com quintal e não em apartamento de cidade. Cortar o cabelo: uma felicidade! Um café à mesa, com uma amiga, uma festa de reis.

Maria Alice Sarabando
Professora Reformada

O que a COVID ensina...

Devo iniciar a minha pequena dissertação por uma saudação a todos os leitores e o costumeiro, mas não pouco importante, desejo de que “Tudo vai ficar bem!” porque é, de facto, uma premissa em que acredito fielmente.

Os tempos atuais trouxeram à Humanidade uma pandemia, a COVID-19, que está a ter um impacto devastador totalmente inesperado que coloca as nossas seguranças científicas e tecnológicas por terra. Para nos protegermos de um coronavírus que se propaga pelo contato social, reduzimo-lo ao mínimo decretando o estado de emergência, promulgando o confinamento das populações, o fecho das escolas e dos estabelecimentos comerciais com atividade não essencial, o teletrabalho, as cercas sanitárias, a reorganização do sistema de saúde e o quase pânico das multidões que gritam digitalmente pela normalidade perdida.

Mas é sobre a perspetiva educativa que gostaria de deixar alguns tópicos para discussão futura. Desde o dia 13 de Março, três meses volvidos, o Ministério da Educação

operacionalizou, numa janela temporal inimaginavelmente pequena, a mudança mais radical de sempre no sistema de ensino: os professores começaram a ensinar, a partir de suas casas, os alunos, em casa deles, num processo a que assertivamente apelidaram de Ensino à Distância (E@D). A necessidade aguçou o engenho e, com recurso às inúmeras plataformas digitais de envio de materiais e de contato com os alunos, com o apoio da nova Telescola, emitida pela RTP Memória (#EstudoEmCasa) e das Editoras que não poderiam ficar de fora no processo, lá se foram dando passos de gigante para que, mesmo com a escola fechada, a Escola funcione. Mas nem tudo são rosas! Este processo acabou por permitir o afloramento de problemas que a Escola, ao longo de décadas, tem vindo a tentar diluir - o enquadramento social e financeiro das famílias dos alunos e o enorme fosso que existe entre os extremos. A ação social escolar, o fornecimento de refeições, a cedência de materiais específicos para algumas disciplinas, o empréstimo de manuais (há pouco tempo gratuitos para todos), as

aulas de apoio pedagógico nas suas várias dimensões e, em certa medida, a Educação Inclusiva são apenas exemplos de atuações que a Escola dinamiza com o objetivo de promover a igualdade social e o igual acesso a tudo o que Escola tem para oferecer. Mas, com o E@D, é fácil perceber que um agregado familiar com bons computadores, tablets e telemóveis e com rápido e constante fornecimento de serviço de internet terá vantagem sobre um agregado que não tenha as referidas acessibilidades. E, por muito que as situações sejam vistas caso a caso pela tutela, por muito que existam parcerias com os municípios e com empresas locais para empréstimo de portáteis, tablets ou routers com dados de internet, o aludido fosso social só tende a aumentar.

E continuamos sem rosas! Este processo também castiga imenso os professores porque, semanalmente, fazem um plano com tarefas para os seus alunos (em média cem por docente) que envolve todo o processo avaliativo, com aulas síncronas e esclarecimento de dúvidas online. Uma



temática a desenvolver pormenorizadamente noutra altura!

Não há mesmo rosas! Os encarregados de educação, à beira de um ataque de nervos, com a ansiedade dos seus educandos para realizar as tarefas semanais, cumprir os prazos definidos, assistir às aulas da Telescola e estar presente nas sessões síncronas de cada disciplina, também não têm a sua tarefa facilitada com este E@D.

Em suma, esta situação obrigou a Educação a preconizar medidas extremas que estão a ser desenvolvidas e que, no presente enquadramento, são as mais adequadas, mas nada substitui a eficácia de uma aula presencial num processo tão complexo como é o Ensino e Aprendizagem.

Alexandre Ferreira
Professor do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário - Biologia e Geologia

O Hospital e a Pandemia Covid

Em princípios de março o Centro Hospitalar do Baixo Vouga, e principalmente a sua unidade de Aveiro, mudou. Mas não foi só o hospital e quem lá trabalha. Mudamos todos. A nossa perceção da sociedade, a nossa vida, os nossos hábitos, o nosso olhar sobre os outros, as nossas preocupações sobre a nossa família.

E isto refletiu-se em quem vive diariamente e trabalha no hospital. Quantos por esse facto deixaram de conviver com o cônjuge e com os filhos? Quantos por isso pediram para o hospital lhes arranjar um quarto convencionado com o Seminário de Aveiro ou com um hotel benemérito?

Este sentimento de dificuldades generalizadas criou um sentimento de partilha, de entrega, em quem sentiu o desejo de poder fazer algo para ajudar toda uma enorme dificuldade em tudo o que diariamente era preciso fazer acontecer - o hospital passou a ter 2 hospitais, com circuitos distintos e a conviver em paralelo. Situação que se mantém ainda hoje. No Serviço de Urgência os espaços e as salas já eram poucos antes da pandemia, mas tiveram que se repartir por COVID e NÃO-COVID. Tudo sem comunicação e com áreas perfeitamente estanques. Criaram-se portas e divisórias de um dia para o outro. Acrescentaram-se espaços para que os profissionais se equipassem da cabeça aos pés - fatos impermeáveis que só permitem aguentar turnos de quatro horas pois o suor

e o calor não dão para mais. Ora fazer turnos de 4 horas nas 24 horas implica um consumo diário enorme de médicos e enfermeiros. Mas foi o preciso, e fez-se. E apareceu pessoal para isso e todos contribuíram. Foi com surpresa que assistimos ao esforço e à dedicação de muitos trabalhadores que ultrapassaram o seu horário normal, sem nada pedirem. Só darem.

Claro que para estas tarefas foi necessário reorganizar consultas, internamentos e cirurgias, cumprindo normas da Direção Geral de Saúde. As primeiras consultas, habitualmente em presença do utente, reduziram-se drasticamente. As faltas a estas poucas consultas mais diminuíam o seu número, pois as pessoas tinham receio de ir ao hospital. Automaticamente tudo diminuiu e muitos exames deixaram de se fazer.

Os Serviços de Internamento foram reorganizados. Por exemplo, o Serviço de Medicina Interna passou a ter uma unidade só para doentes com sintomas respiratórios, outra para todas as doenças não respiratórias, e uma outra para doentes instáveis a necessitar maior vigilância. A enfermaria de Cirurgia, reduzida a metade, foi ocupar espaço na enfermaria de Ortopedia, reduzindo-lhe também a metade a ocupação de camas. Para quê? Para que o espaço da enfermaria de Cirurgia fosse utilizado para doentes positivos para COVID. Como se pode ver, foi preciso rapidamente organizar alterações em praticamente todos os Serviços do hospital.

Em paralelo foi preciso montar o rastreio de testes para o despiste da doença. Inicialmente nem se conseguia material para fazer as colheitas. Era uma situação nova, nunca vivida, e com particularidades próprias. Começamos a fazer o rastreio de Lares - casos positivos! Isolar pessoas, criar espaços separados, rastrear pessoal, necessidade de dar apoio a quem lá se encontrava a trabalhar. Foram muitas as instituições a analisar e ainda se continua a analisar. Fizeram-se também muitos testes para os Cuidados de Saúde Primários. Foi necessário pedir tendas ao Exército, à Polícia e à Cruz Vermelha para isso. Dentro do edifício já não havia espaço.

Não conseguimos aqui fazer um quadro exaustivo de tudo o que se teve que improvisar, adaptar, reorganizar, suprir carências do muito pessoal que teve de ir para casa por doença, por quarentena profilática ou para tomar conta de filhos menores.

Entretanto entra-se em desconfinamento e tudo volta atrás - reiniciar consultas, cirurgias, reorganizar enfermarias. Mantendo-se sempre esta dualidade - hospital com áreas COVID e áreas NÃO-COVID. Por vezes parece que este voltar atrás é mais difícil - o espaço agora é menor do que era, os profissionais ainda estão reduzidos, ter que se arranjar circuitos espaçosos e agendamentos de consultas mais controlados. Os nossos hospitais não estavam preparados para epidemias desta natureza.



Ainda não estamos, pois os investimentos são enormes, mas aprendemos e já estamos a preparar o futuro.

Durante todo este tempo, o que a Direção do Hospital mais sentiu foi CALOR HUMANO - que a motivou, sensibilizou, e lhe deu criatividade e força para poder ultrapassar os problemas do dia-a-dia. Muitos foram os atos de solidariedade - pessoas comuns, empresas, universidade, municípios (Vagos entre eles), escolas, escuteiros... Só assim se conseguiram consumir em média, por dia, 2400 máscaras cirúrgicas, 200 batas impermeáveis, 115 fatos completos (para os turnos e trabalhos em balcão COVID), 220 toucas. Isto acrescido de capacetes, óculos descartáveis e recuperáveis, cobre-botas, burca, água, sumos, bolachas, outros alimentos... Tudo a Direção teve o gosto de receber em mão, pois foi entregue com sentimento e com um sorriso de satisfação. Com visível desejo de querer poder ser útil à sua medida. E tudo foi útil. Obrigado pois!

Frederico Cerveira
Diretor Clínico do Centro Hospitalar do Baixo Vouga

Unidos somos mais fortes

O nosso Município e as suas Gentes vivem dias desafiantes, em linha com o que vai acontecendo no país e no mundo. O fenómeno pandémico de covid-19 veio, de uma forma perfeitamente abrupta, alterar todos os nossos hábitos e rotinas. Habitados que estamos a cumprimentar, calorosamente, o nosso semelhante, fomos forçados à impessoalidade necessária do distanciamento social. Separaram-se famílias, encerraram empresas e instituições, fecharam os espaços públicos e todos nós tivemos que nos confinar no interior das nossas casas.

Em Vagos, como no país e no mundo, não foi diferente. Encarando a realidade, o Município tratou, em tempo útil, de ativar o Plano de Emergência Municipal. Estávamos em meados de março. Fecharam-se os espaços públicos, foram apoiados domiciliariamente os grupos de maior risco, nomeadamente os nossos seniores, dotaram-se as instituições com Equipamentos de Proteção Individual, manteve-se o apoio financeiro às refeições dos alunos do escalão A, etc. Em época de encerramento de estabelecimentos de ensino, as portas da Escola Secundária abriram-se para acolher os filhos dos profissionais de

Saúde e Segurança e preparou-se o nosso concelho para o embate e para o combate à covid-19.

A esta altura, caros concidadãos, importa cumprimentar todos, mas mesmo todos os vaguenses que, com prudência e responsabilidade, souberam honrar a si e aos outros cumprindo exemplarmente o confinamento exigido. Só com este comportamento excecional dos nossos cidadãos conseguimos ultrapassar a primeira fase da pandemia com números bastante aquém do que se verificou ao nível do país. Era a hora de passar para outro período no Município de Vagos, no qual conter a pandemia era palavra de ordem.

Nesta fase importava garantir as condições possíveis para que as nossas gentes e instituições tivessem os meios para poder prevenir o contágio. Nessa medida, entregámos milhares de unidades de Equipamentos de Proteção Individual às nossas instituições, fizemos a desinfecção das ruas principais de cada freguesia, tendo deixado de o fazer apenas quando houve indicação para tal pela Organização Mundial da Saúde.

Mais ainda, preparámos os nossos jovens para o regresso às aulas, embora à distância, adquirindo 200 computadores para que os alunos mais carenciados não ficassem privados de estudar, entre muitas outras iniciativas que em tempo de confinamento, garantiram que através das redes sociais, em casa, os Vaguenses pudessem ter os conselhos da Direção-Geral de Saúde, mas também momentos de entretenimento e apoio psicológico, através dos nossos serviços competentes. Assim, chegámos ao desconfinamento, com números de contágio, felizmente, muito baixos. Com ele veio o Dia do Município que, apesar de uma maior amplitude de movimentos, não pôde ser festejado como habitualmente. Mais uma vez os vaguenses deram cartas e exemplo na forma como se comportaram. Na expectativa de uma Festa do Município em grande em 2021, agora o tempo é de curar as feridas e recuperar o tecido económico e social. Para isso vamos investir, por exemplo, cerca de 100.000 euros em medidas de apoio ao comércio local. Com elas e com toda a capacidade empreendedora do Povo Vaguense, estou certo de que iremos recuperar a confiança e a liquidez que se nos escapou há



três meses atrás. É altura de apoiar os nossos produtores, os nossos comerciantes, os nossos consumidores. É altura de Vagos comercializar o que cá se produz e de consumir o que por cá se comercializa. É o tempo da união. Daquela que sempre fez a força da nossa gente, já de si forte. Nós cá estremos, dizendo presente, como em todos os momentos.

Silvério Regalado
Presidente da Câmara Municipal de Vagos

NEGÓCIO FECHADO Siemens Gamesa adquire RiaBlades

CONFIRMAÇÃO. Em comunicado, a Siemens Gamesa anunciou a aquisição final de “todas as ações da RiaBlades, S.A.”, que detém e opera a fábrica de produção de pás de turbinas eólicas em Vagos. Segundo o grupo espanhol, a operação contribui “para o reforço da competitividade [da empresa] no seu negócio onshore, absorvendo o crescimento esperado de produção de fornecedores externos, principalmente da Ásia”. Porventura para se tornar um centro de exportação para os mercados internacionais.

Trata-se de “uma oportunidade que não poderíamos perder”, assinalou Alfonso Faubel, diretor executivo da unidade de negócios do grupo, sublinhando que a RiaBlades é “uma das fábricas mais competitivas da Europa, de última geração, que se complementa muito com a nossa pegada atual”. Como tal “vai ajudar-nos a servir diferentes mercados com diferentes modelos, e vamos fazê-lo de acordo com os mais elevados padrões de qualidade de fabrico”, concluiu o CEO da Siemens Gamesa.



De referir que o preço total de compra dos ativos selecionados da Senvion, que em 2019, na sequência de uma série de “erros operacionais”, que conduziram à crise de liquidez, apresentara um pedido de insolvência num tribunal alemão, ascende a 200 milhões de euros. Nas redes sociais, o presidente da câmara de Vagos congratulou-se com o desfecho do negócio. “É uma excelente notícia, neste momento tão delicado que atravessamos”, disse Silvério Regalado.

EJ

ELEIÇÕES ON-LINE João Pedro Mateus na presidência do Lions

Ficou acutelada a continuidade do Lions de Vagos, para o ano lionístico 2020/2021. Apanhada pela COVID-19, a coletividade vaguense interrompeu toda a atividade, tendo sido adiadas, entre outras, para além do concerto comemorativo da viagem de Fernão de Magalhães, a cargo dos alunos do Conservatório de Música de Gaia, a ação “Eu Sou Vigilante da Floresta”, a entrega do Prémio João Grave a Raquel Sarabando Ré, e também a homenagem a Armindo Fernandes, pelo percurso “como cidadão e notável virtuoso da guitarra portuguesa”.

No caso das eleições, foi decidido votar online uma lista de continuidade, válida por mais um ano. Da direção fazem agora parte: João Pedro Mateus (presidente), Mário Gavina Oliveira (vice-presidente), Manuel Marcelino Manangão (secretário), Clara Santos Nunes (tesoureira), António Paulo Gravato (assessor

de sócios), Arsénio Pimentel Nogueira (assessor de serviços) e Graciete Manangão (assessora de comunicação).

Um ano atípico, que impediu a atual direção de agradecer publicamente “todo o apoio” prestado pela Câmara Municipal, Caixa de Crédito Agrícola, Agrupamento de Escolas, Centro de Educação e Recreio (CER), Bombeiros de Vagos, Conservatório de Música de Gaia, Grupo de Teatro Baluarte, Prof. Victor Castro, e órgãos de Comunicação Social. Convicto de que “vamos ter muito tempo para cultivar a amizade”, João Pedro Mateus considera que esta “continua a ser o caminho mais consistente e fértil para o nosso serviço solidário e desinteressado”.

EJ

FINANCIAMENTO DAS FESTAS REVERTIDO Autarquia entrega um milhar de viseiras ao comércio

Feriado municipal “modesto e contido”, sem eventos culturais e enquadramento festivo. Foi assim este ano, por força da pandemia, levando a autarquia a “decretar” os serviços mínimos. E porque a crise, que também é económica, foi desviada para outros fins, a verba (cerca de 100.000 euros) que estava alocada para as Festas do Município e Semana Cultural.

Segundo o presidente da câmara, tal montante serve para “financiar a retoma da economia local”. Mas também para aplicar, na aquisição de testes à COVID-19 e equipamentos de proteção, a serem distribuídos pelas autoridades, nas áreas da segurança, saúde pública e social. De acordo com a autarquia, tal “corresponde, muito responsabilmente, à

necessidade de se continuarem a tomar medidas de forte contenção em atos públicos, no sentido de proteger todos e cada um”.

Em nota de imprensa, refere o município que foi distribuído, nas duas últimas semanas, mais de um milhar de equipamentos de proteção individual “a todos os estabelecimentos comerciais do concelho”. Na terceira fase do desconfinamento, o objetivo passa por “garantir a segurança de comerciantes e clientes”, acrescenta o comunicado, destacando que a entrega das viseiras teve início nas freguesias mais a sul do concelho, tendo-se estendido progressivamente a toda a extensão do território.



Nesta primeira fase, foram entregues 1145 viseiras em 373 espaços comerciais, a saber: Fonte de Angeão/Covão do Lobo (53 viseiras

para 14), Vagos/Santo António de Vagos (361 para 136), Gafanha da Boa-Hora (244 para 68), Santo André de Vagos (101 para 31), Ouça (40 para 16), Soza (87 para 30), Calvão (157 para 43), e finalmente Ponte de Vagos/Santa Catarina (102 para 35). Garante o município que “irá continuar a apoiar os comerciantes, com estas e outras medidas de revitalização económica, constantes no pacote de medidas-estímulo para a economia vaguense, criado como ferramenta de revitalização do tecido económico do concelho, tendo em conta as fortes consequências provocadas pelo impacto da pandemia COVID-19 no tecido social e económico do concelho”.

EJ

AUTARQUIA E NEVA PREOCUPADOS Pacote para revitalização da economia local

Medidas. Preocupados com as “fortes consequências”, provocadas pelo impacto da pandemia COVID-19, a Câmara e o Núcleo Empresarial de Vagos (NEVA) decidiram lançar um conjunto de medidas, destinadas a revitalizar o tecido económico do concelho, numa perspetiva global “que vai do produtor até ao consumidor final”.

Desenhado com base no conhecimento, que a autarquia e o NEVA têm “das dificuldades que estão a ser sentidas pelos agentes económicos no terreno”, o esforço financeiro do município ronda os 100 mil euros. Abrangendo “todo o tecido económico do concelho” o pacote de medidas está especialmente voltado para o comércio local, que a câmara admite ter sido “o setor que está a ser mais fustigado pela pandemia”.



Do programa gizado, destaque para a isenção de pagamento, de maio a julho, da taxa de ocupação de espaço público, nomeadamente no que diz respeito a esplanadas de restaurantes, cafés e similares. Ainda sobre

taxas, não serão cobradas, entre outras, a da publicidade como forma de apoio à atividade económica; higiene pública, relativamente à captura de animais errantes, alojamento, alimentação, entre outros; de vistoria ao alojamento local; e as inerentes à utilização do mercado municipal de Vagos e mercado do peixe da praia da Vagueira. De referir que, no caso das taxas relativas à ocupação do espaço público, publicidade, mercado municipal e mercado do peixe, serão devolvidas as importâncias pagas em 2020.

CAMPANHA. A prorrogação, entre outras, das licenças de obras de urbanização, licença especial para conclusão de obras inacabadas e dos prazos de comunicação prévia, é outra das medidas que foram anunciadas. Destaque ainda para a criação de uma plataforma de

apoio ao comércio local, para os comerciantes poderem aceder às informações de que necessitam, permitindo deste modo assim como o consumidor final possa aceder ao produto ou serviço que pretende.

Paralelamente será lançada uma campanha, de auxílio à Economia Local. Segundo a autarquia, visa contemplar “uma forte abordagem motivacional ao orgulho de ser vaguense”, com o intuito de promover os produtos locais. O projeto será desenvolvido através da difusão de um vídeo e colocadas mensagens de sensibilização em mupis, outdoors, flyers e cartazes, sendo a campanha promovida ainda em todas as plataformas online do município e órgãos de comunicação social do concelho, que “nesta fase também se debatem com dificuldades”.

EJ

INICIATIVA CAMARÁRIA Protocolo de segurança com responsáveis religiosos

Na semana que antecedeu o feriado municipal, realizou-se uma reunião preparatória entre a Proteção Civil Municipal, representantes das juntas de freguesia do concelho e responsáveis do culto religioso. Em questão estava “a reabertura dos espaços de culto aos fiéis, ao abrigo do 2º período de desconfinamento relativamente à pandemia COVID-19”. Em nota de imprensa, a câmara revelou que foram debatidos “alguns temas relevantes”, para que a retoma “decorra

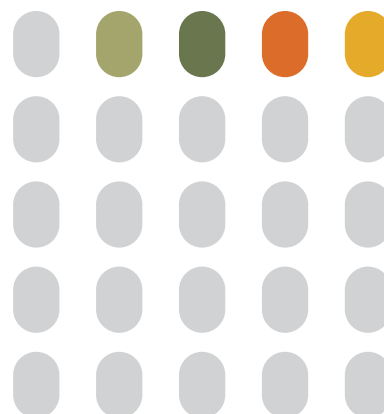
com toda a segurança para os fiéis nas diversas celebrações, necessidade nomeadamente a de existirem equipas de segurança/acolhimento, no sentido de fazerem a gestão da distribuição das pessoas pelo espaço disponível, tendo em conta a distância de segurança”. De assinalar, segundo o documento, “a importância de as portas dos locais de culto estarem abertas em permanência para que, dessa forma, as pessoas se possam movimentar tocando o

mínimo nos puxadores; a necessidade da existência de álcool gel desinfetante à entrada dos espaços religiosos; a utilização de máscaras de proteção no interior; a atenção a ter à distância de segurança de dois metros entre as pessoas presentes; a necessidade de acompanhamento dos fiéis à saída e à entrada dos locais de culto, através da boa gestão das equipas de segurança; a sinalização de procedimentos na entrada dos respetivos espaços e o uso de viseiras”.

Medidas cujo cumprimento é determinante para que o regresso à normalidade controlada seja feito “de acordo com todas as regras de segurança”. De referir que o município de Vagos, está “disponível para colaborar com juntas de freguesia e os responsáveis do culto religioso, para que as celebrações decorram com a normalidade possível e com máxima segurança”.

EJ

25 anos
farmácia
ciro



Festa de Nossa Senhora de Vagos

1. A celebração deste ano
 Os discípulos, com Maria, Mãe de Jesus, estavam no Cenáculo, fazendo a experiência que nós temos feito ao longo de quase três meses por causa da pandemia da Covid-19... Tem sido difícil suportar este confinamento ainda que se compreendam as razões... É verdade que as mãos e o lado de Jesus mostram os sinais das feridas, o sofrimento e a ansiedade continuam ainda presentes, mas o dom do Espírito dá-nos confiança... Com a Eucaristia de hoje em honra de Nossa Senhora de Vagos queremos apresentar, de um modo particular, a humanidade que sofre devido a este período longo de confinamento e às várias formas de sofrimento que a pandemia trouxe não apenas ao nosso país, mas também a todo o mundo: a dor de tantos familiares que não conseguiram acompanhar os seus familiares na doença ou mesmo na morte; o desânimo de tantos que perderam o seu trabalho ou viram diminuir drasticamente as suas fontes de rendimento; o isolamento dos nossos familiares em lares, fonte segurança para eles, mas, ao mesmo tempo, de sofrimento pela ausência e presença dos amigos.

A presença de Maria na vida de Jesus e na nossa própria vida ajuda-nos a dizer sim ao

projeto de Deus revelado em Jesus; a reconhecer que o caminho da salvação é o serviço e o amor feito dom para os outros; a pedir que possamos também carregar a cruz da nossa vida, para que o amor triunfe de uma vez por todas perante tantos sinais de morte e desespero, e a oferecer o nosso humilde contributo na transformação de um mundo melhor.

A ressurreição de Jesus e o dom do Seu Espírito não apagam as contradições e as dificuldades de assimilar o sentido de tantos acontecimentos da história, as manchas negras do nosso caminho... Porém, a palavra de Jesus é de paz, de abertura ao mundo que nos rodeia e esta palavra capacita-nos para enfrentar realidades que nos assustam...

2. Maria, Mãe da igreja

Durante quarenta dias, o Ressuscitado apresentou-se aos Seus discípulos, dando-lhes muitas provas de que estava vivo, deixando-se ver e falando-lhes do Reino de Deus (At 1, 3). No decurso de uma refeição «ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do Pai, do qual – disse Ele – Me ouvistes falar. João batizava em água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis batizados no Espírito Santo» (At 1, 4).

No cumprimento desta recomendação, os Onze permaneciam em casa, dedicando-se à oração em comum, juntamente com algumas mulheres, além de Maria, a Mãe de Jesus, e os Seus parentes (At 1, 12-14).

O papel de Maria em relação à Igreja é inseparável da sua união com Cristo e decorre dela diretamente. «Esta associação de Maria com o Filho na obra da salvação manifesta-se desde a conceção virginal de Cristo até à sua morte» (LG 57). Mas é particularmente manifesta na hora da sua paixão: «A Bem-aventurada Virgem avançou na peregrinação de fé, e manteve fielmente a sua união com o Filho até à Cruz, junto da qual esteve de pé, não sem um designio divino; padeceu acerbamente com o seu Filho único e associou-se com coração de mãe ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que d'Ela nascera; e, por fim, foi dada por mãe ao discípulo pelo próprio Jesus Cristo, agonizante na Cruz, com estas palavras: "Mulher, eis aí o teu filho" (Jo 19, 26-27)» (LG 58).

3. O nosso caminho de discípulos

O caminho só se faz caminhando. Toda a renovação autêntica exige coragem, dinamismo e conversão interior de pessoas e estruturas. «Como podemos despertar a



grandeza e a coragem de escolhas de amplo alcance, de impulsos de coração para enfrentar desafios educativos e afetivos?”. Já repeti muitas vezes: arrisca! Arrisca! Quem não arrisca não caminha. “Mas se eu errar?”. Bendito o Senhor! Errarás mais se permaneceres parado, parada» (Papa Francisco, Discurso na Villa Nazareth, 18/6/2016). É este o desafio que a todos se coloca: ter a audácia suficiente para romper com certos preconceitos, medos e comodismos. A alegria do Evangelho é a nossa missão. Em fidelidade a Cristo e à missão confiada à Igreja é necessário que tenhamos o coração aberto ao chamamento do Senhor Jesus que convida a segui-lo, a sermos discípulos à imagem de Maria. Que Maria nos ajude a ler os sinais dos tempos e nos dê a coragem necessária para continuarmos, nas nossas comunidades cristãs, a ser sal e luz para o mundo de hoje. Vagos, 1 de junho de 2020.

+ António Manuel Moiteiro Ramos,
 Bispo de Aveiro.

Peregrinar na Senhora de Vagos Para o ano cá estaremos!

Nesta segunda-feira depois da Solenidade do Pentecostes, fomos como peregrinos ao Santuário de Nossa Senhora de Vagos. Cumprimos e renovamos uma antiga e já habitual tradição, tão cara às nossas gentes destas terras do sul e que é memória das promessas feitas pelos nossos antepassados que viram, no lindo e bem arranjado santuário de Nossa Senhora de Vagos, um lugar de acolhimento, de paz e de bênção. Este ano essa tradição foi feita de uma normalidade à moda dos tempos que estamos a viver. De uma forma ou de outra, é sempre tempo de peregrinar.

Ser peregrino é, antes de tudo uma marcha interior que nos leva ao encontro de nós mesmos lá onde mais ninguém entra: só Deus e eu. Ser peregrino é seguir o caminho traçado, ano após ano, por tantos e tantas que, desde os tempos mais longínquos, calcorream os mesmos caminhos, seguiram as mesmas rotas

e se deixaram guiar pelos mesmos sonhos, pelas mesmas estrelas. Ser peregrino é trazer na bagagem toda essa recordação, que nos faz avançar, vencer obstáculos, cansaços, fome e sede em busca do mesmo tesouro: a Senhora de Vagos.

Neste ano, fomos peregrinos ao Santuário da Senhora de Vagos, mas como foi diferente a nossa peregrinação! Visitar o mesmo espaço, pisar a mesma relva, olhar pelo postigo da capela e, diante da imagem da Senhora, ali à distância de uma parede, ajoelhar e dizer-lhe: como tudo é diferente, Senhora de Vagos! As pessoas deambulavam de um lado para o outro, algumas carregadas de velas com terços a balouçar, outras sentadas nas paredes do largo ou de joelhos no cumprimento das suas devoções, mas sem norte, um pouco como ovelhas sem pastor, sem lugar de paragem: a capela estava fechada fruto de um vírus que teima em não nos deixar e mora escondido,

sabe-se lá onde, e nos faz ter medo de nada e lavar as mãos tantas vezes e usar a máscara e desconfiar uns dos outros, marcar as distâncias e... como as coisas foram diferentes na peregrinação deste ano!

“Este ano é assim, mas para o ano será melhor...”, dizia alguém ali junto à capela. E no meio de toda esta pandemia, havia uma réstia de esperança: “... para o ano será melhor!” Houve lugar para o silêncio, o parar junto à imagem da Senhora, ali colocada em azulejo que mãos vaguenses se encarregaram de pintar, tempo de rezar e de falar e de nos encontrarmos uns com os outros mas, sobretudo, de cada um consigo mesmo. Peregrinação à Senhora de Vagos em tempo de calamidade com marca da COVID, foi uma oportunidade de ser peregrino e de abrir a mochila e descarregar toda esta história aos pés daquela que hoje, eu celebro como a Mãe da Igreja, a Senhora de Vagos. É verdade que



Vigário-geral da Diocese o medo nos envolve, um pouco como ela quando, naquele dia em que estava com os Apóstolos reunida no Cenáculo com as portas fechadas à espera de uma luz, veio uma língua de fogo que lhes aqueceu o coração, animou a vontade e lhes fez perder o medo. E foi assim que nasceu a Igreja. Também, hoje, o mesmo medo nos envolve. Já percebemos que sozinhos não controlamos nada, todos os projetos se evaporam e as seguranças desaparecem. Mas confiamos na Senhora, a mãe da Igreja e a nossa Mãe. E vamos daqui com uma réstia de esperança. Confiamos que, para o ano, cá estaremos de novo.

Padre Manuel J. Rocha

Saudação a Santa Maria de Vagos, mesmo em tempos de pandemia

Mesmo que ainda estejamos a sentir os constrangimentos derivados da pandemia Covid-19, o povo de Cantanhede quer cumprir o voto feito pelos antepassados que consiste em ir, todos os anos, «à Capela de Nossa Senhora de Vagos fazer uma grande festa e distribuir pão e vinho pelos necessitados». Este ano, por força das circunstâncias, o povo de Cantanhede fez-se representar apenas pelo pároco e por dois elementos da Comissão de festas, de Cantanhede.

Na verdade, com esta romaria retomamos essa história e tradição popular de devoção dos cantanhedenses a Nossa Senhora de Vagos, enraizada no facto de que «em tempos, os campos de Cantanhede chegaram a ficar completamente áridos e impróprios para a cultura devido a uma seca que se prolongava há mais de 4 anos; a miséria e a fome alastrou de tal maneira pela região que todo o povo no auge do deserto elevava preces ao Céu, para que a chuva caísse».

Já vão distantes esses tempos de fome, de seca e de necessidade, a que a tradição oral faz referência. Hoje em dia, as condições meteorológicas já não são tão determinantes como antes para os frutos do nosso trabalho aparecerem. Quem busca o sustento no trabalho da terra, já dispõe das previsões meteorológicas, de adubos, de outros apoios... Muitos, entre nós, já nem sequer trabalham a

terra, antes se dedicam a outros serviços e trabalhos. Porém, bem sabemos que nem por isso os “tempos de fome, de seca e de necessidade” deixam de aparecer em nossas vidas. A vida, seja em que tempo e lugar da história for, tem sempre desses momentos de aridez e sofrimento que nada nem ninguém neste mundo conseguem colmatar, só Deus. Por isso, aclamamos: Santa Maria de Vagos, rogai por nós!

Recordamos ainda que «As gentes de Cantanhede foram em procissão à Nossa Senhora da Varziela. De repente, ouviram tocar um sino para os lados do mar e logo pensaram que o som seria proveniente de Mira, mais propriamente da Igreja de São Tomé. A medida que iam passando por ribeiros e matas em direção a Mira, foram-se apercebendo que o toque do sino não vinha desta vila e quando chegaram junto da ermida o sino continuava a tocar, mas o seu som vinha do lado Norte. Não interrompendo a jornada, chegaram à capela de Nossa Senhora de Vagos. Diz a tradição que, naquele momento, começou a chover abundantemente, sendo o milagre atribuído a Nossa Senhora de Vagos». As gentes de Cantanhede chegaram ao Santuário de Vagos pela escuta. E pela escuta que acolhemos a salvação. Os dons de Deus são sempre oferecidos, mas só aqueles que não têm pretensões de terem direitos e só

aqueles têm o coração disponível, é que estão preparados para os acolher. Deus até pode vir ao nosso encontro de graça (não é um prémio), até toma a iniciativa (não vem em retribuição), e os Seus dons são para os que mais precisam (não para os que estão cheios de si mesmos), mas se eu não faço o caminho necessário para o acolher, se a minha vida, à partida, não é para ser transformada/alterada, será possível recebê-los? Sejamos verdadeiros: o maior cego é aquele que não quer ver, o maior surdo é aquele que não quer ouvir, e a pior atitude diante de Deus é a daquele que encontra sempre condicionantes e desculpas que evitem a necessária conversão de vida e a necessária abertura a Deus. Os dons, esses, vêm frequentemente por meio de Maria... Por isso, bendizemos: Santa Maria de Vagos, rogai por nós!

Assim, «os cantanhedenses fizeram voto irrevogável de todos os anos irem à capela da Senhora de Vagos, fazer uma grande festa e distribuir pão e vinho pelos necessitados». Sabemos que a fé em Deus e a devoção para com Maria, andam sempre de mãos dadas com o serviço ao próximo, em especial ao mais necessitado. Enraizou-se entre nós a prática de distribuir o “bodo” pelos pobres, que atualmente «consiste exclusivamente na entrega de pães de trigo, confeccionados em casa dos ofertantes ou em padarias locais,



repartidos por cada romeiro cantanhedense em número igual ao das pessoas da sua família» (Pe. Carvalhais, Santa Maria de Vagos). Ora, o “pão” é apenas um símbolo de tudo o que é essencial à vida, de tudo aquilo de que a nossa existência depende (material e espiritualmente). Que o “pão” distribuído no contexto de uma promessa não se resuma a um gesto pontual, mas antes nos implique na forma de encarar a vida toda numa dinâmica de oferta e de serviço gratuito em favor dos necessitados. Por isso, pedimos: Santa Maria de Vagos, rogai por nós!

Ao fazermos “esta peregrinação com o coração”, neste ano, lembramos de forma especial todos aqueles que têm arriscado a sua vida ao serviço dos infetados pelo novo coronavírus, todos aqueles que morreram sem o conforto dos sacramentos ou a proximidade dos seus entes queridos. Mas, sobretudo, demos graças por tantos recuperados, pedindo para que a fé e a esperança nunca percam o seu lugar na nossa vida.

P. João Pedro Silva
 Pároco de Cantanhede

ECO DA SANTA CASA

IV SÉRIE . Nº 27 . ABRIL / MAIO / JUNHO 2020

Tem a Palavra a Mesa

O mundo sofreu alterações inesperadas e de proporções que nenhum humano poderia imaginar possível. O aparecimento de uma doença global pôs em causa a vida social, familiar, profissional, económica e afetiva de todos e de cada um de nós.

Ninguém estava preparado para a PANDEMIA causada pela COVID-19.

Todo o planeta procurou de forma desenfreada, os equipamentos necessários à proteção para o combate ao vírus. Tal como a generalidade das Instituições nacionais e estrangeiras, também a nossa Misericórdia, se viu confrontada com a imperativa obtenção de tais produtos que, para além de escassos no mercado e a elevado preço se tornavam essenciais.

A Sociedade uniu esforços para ajudar a Misericórdia de Vagos na aquisição de material indispensável para proteção de todos os que, “na linha da frente” da nossa atividade, têm necessidade absoluta. Numa altura em que o tempo é de estarmos longe uns dos outros, mas mais unidos do que nunca, as sociedades pública e civil foram unânimes em colaborar com a Instituição, para levar a cabo a nossa missão.

Ao focar-se nas enormes dificuldades que as várias crises sociais têm trazido à vida das pessoas, particularmente as mais vulneráveis, as Misericórdias, ao longo de cinco séculos, têm sabido corresponder, pondo em prática as catorze Obras de Misericórdia e obedecendo ao seu compromisso.

A capacidade de identificar as verdadeiras necessidades, mesmo quando algumas se escondem e são relutantes em aceitar o apoio, tem feito das Misericórdias o único refúgio para muitos que já não resistem às adversidades da vida. E hoje, em que o tempo da pandemia nos obriga a ter outras leituras dos factos, quando as situações de catástrofe social estão mesmo aqui ao lado, as Misericórdias vão-se reinventando, criando e promovendo solidariedade ativa. Sim. Os nossos serviços de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS) contam, hoje, com mais 40% de pessoas inscritas para apoio.

Por outro lado, e sempre tendo em conta o bem-estar e a melhor qualidade de vida dos idosos e das jovens que vivem connosco todos os dias das suas vidas e do pessoal que, diariamente, os cuida,

procuramos estar atentos e sensíveis para que tantas mudanças os perturbem o menos possível.

Perante a situação pandémica que, no nosso país, se manifestou a meados do mês de Março, provocando o fecho de bastantes unidades fabris e estabelecimentos comerciais, muitos agregados familiares passaram ao sistema de lay-off com consequente redução significativa de rendimentos; por outro lado o encerramento das escolas, pré-escolar e creches obrigaram muitos pais ao regime de confinamento, pelo que se viram privados de um terço de seu vencimento. A Mesa Administrativa da Santa Casa, sensível a este problema decidiu reduzir as mensalidades das crianças, por não frequência em 90%, no período entre a segunda semana do mês de março até ao fim de maio.

Em todo o território nacional a sociedade civil foi chamada a ajudar a colmatar as mais diversas necessidades essenciais. A nossa Misericórdia também não foi exceção. Assim, reconhecendo a boa vontade de várias pessoas singulares que contribuíram com donativos, cabe-me agradecer, em nome da Instituição que represento.

Entretanto surgiram outras iniciativas que, de alguma forma, aliviaram o nosso orçamento.

Deixo uma referência especial:

- À Câmara Municipal de Vagos, que até agora contribuiu com EPI's e testes covid-19



- À Misericórdia de Macau que doou 3 mil máscaras cirúrgicas



- À Fundação EDP, com 106 EPI's completos bem como 1.250 máscaras cirúrgicas

fundação edp

- A uma empresa local que ofereceu 60 viseiras

- Ao escultor Paulo Neves que, generosamente, fez doação de 25 peças



de arte em madeira, provenientes de uma exposição. O produto resultante da venda reverterá a favor de todos os que, pela sua fragilidade, recorrem à ajuda do nosso Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS), estejam sinalizados ou não, podendo beneficiar de medicação gratuita.

- À Farmácia Giro, na pessoa do Dr. Giro pela inteira disponibilidade na promoção e venda das referidas peças de arte do amigo escultor.



- A todos os nossos amigos que estiveram sempre presentes.

- A um muito especial, que nestes tempos difíceis, nos conseguiu obter Equipamentos de Proteção Individual, que se revelaram fundamentais.

De um modo muito especial quero deixar o reconhecimento a todos os COLABORADORES que, nas diversas valências, têm trabalhado de forma abnegada e sempre pronta a dar o seu melhor, mostrando o verdadeiro sentido de solidariedade que a nossa Instituição tem procurado praticar. Desde os sacrifícios da vida pessoal, às mudanças de funções e à vontade e resiliência, TODOS temos estado “JUNTOS POR SI”, com a esperança de um futuro melhor.

O PROVEDOR
PAULO GRAVATO

Ainda não viu nada

Temos muito mais
para apoiar a sua vida.

Soluções para:

- Dia-a-dia
- Financiar
- Poupar
- Investir
- Proteger

Fale connosco,
há tanto mais para ver.



creditoagricola.pt • 808 20 60 60
Atendimento personalizado 24h/dia, 7 dias/semana

 **CA**
Crédito Agrícola

Vagos conVida! – o CLDS4G do concelho

Iniciou no passado dia 4 de maio, o Contrato de Desenvolvimento Social (CLDS4G) de Vagos: o projeto “Vagos ConVida”.



Com iniciativas e ações a abranger todo o concelho, este projeto, com duração de 36 meses, contempla um painel de atividades de cariz social e comunitário a envolver pessoas idosas, pessoas em situação de maior vulnerabilidade social, crianças e jovens, associações e grupos locais, instituições particulares de solidariedade social e equipas de intervenção social, escolas, tecido empresarial, comerciantes, associações humanitárias, serviços sociais e de saúde e as autarquias locais.

A prevenir o isolamento social e a exclusão social, com o clds4g, Vagos convida toda a comunidade do município

a participar e a valorizar todo o potencial humano, social e cultural de cada lugar e de cada freguesia do concelho.

A diversidade das ofertas do clds4g permite chegar às diferentes necessidades, preferências, aos diferentes percursos e formas de estar das “Gentes da Terra” de Vagos: dos mais novos aos mais velhos, dos mais fixos, aos mais recentes, de quem está a quem visita.

De um lado promove iniciativas colaborativas e de identidade cultural: programas de rádio, espaços de partilha e intergeracionais, trabalhos de memória coletiva, espaços de convívio entre pares nas diferentes freguesias, apoio às associações e grupos locais valorizando os saberes, histórias, tradições e vivências em comunidade, de um “Antigamente que poderá ser assim”. De um outro lado, apresenta um bloco de respostas a sensibilizar e a partilhar com a população: um conjunto de ferramentas e de saberes de como “Proteger, Prevenir e Lidar” em comunidade com situações de isolamento, de perigo ou calamidade; sessões de informação; voluntariado; campanhas de sensibilização e proteção

do “Bom ambiente” e floresta, são algumas das respostas.

É de referir ainda todas as iniciativas de proximidade e de articulação com os recursos do concelho, como as Instituições Particulares de Solidariedade Social, escolas e outros serviços no desenvolvimento de uma dinâmica em rede e de partilha: levantamento de necessidades, espaços de partilha e de trabalho comum e os eventos e feiras sociais.

A revitalização das redes de suporte informal e das suas “Raízes” é um dos objetivos do projeto. Pequenas iniciativas em comunidade como ateliers lúdicos, artísticos e culturais, complementam as ações educativas e de sensibilização aberta e “Sem filtro” junto dos mais jovens, mas também perto do comércio local, empresas e outros serviços. Nos “Desafios da Atualidade”, O clds4g tem ainda um trabalho integrante de contribuir para a capacidade adaptativa da comunidade para um futuro seguro no ambiente e na vida das pessoas, sentindo as “Vozes e os Olhares” de Vagos, na escuta e na “Proximidade” das necessidades das pessoas idosas e na reflexão partilhada sobre as mudanças

inclusivas a desenvolver em comunidade.

Implementado pelo Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, através do Programa Operacional da Inclusão Social e Emprego (POISE), o CLDS 4G de Vagos tem como entidades responsáveis a Santa Casa de Misericórdia de Vagos (Entidade Coordenadora Local de Parceria) e a Associação BETEL (Entidade Local Executora da Ação). Conta ainda com a estreita parceria da Câmara Municipal de Vagos.

A equipa multidisciplinar do CLDS 4G é constituída por 4 elementos técnicos com formação nas ciências sociais. A sede de projeto sita na Rua da Banda Vaguense n.º 128 e o horário de funcionamento decorre das 9h às 13h e das 14h às 17h.

O contacto telefónico é 234078887 e o email clds@scmvagos.eu

O clds4g do concelho é assim projeto globalizante e descentralizado, a contar com a participação de todos/as para as escolhas mais saudáveis em comunidade. Pretende mostrar e valorizar o que já se vê: Vagos tem Vida e Convida a ter!

Brincar... brincar... brincar... - C. Infantil

«Ora, brincar é tão precioso e tão indispensável que funciona como “A vitamina” do crescimento!»
Eduardo Sá

A brincar e a jogar a criança aprende a comunicar, a relacionar-se com os outros e a adquirir um sentimento de pertença em relação ao grupo de amigos. O brincar deve ser, sempre que possível, com o outro ou em grupo. O brincar deve promover relações de convívio, de amizade, de respeito e de gestão de conflitos. Os profissionais de educação sabem que brincar é importante.

A situação atual da pandemia complicou muito a vida das crianças, fechou-as e privou-as da possibilidade de estabelecer e manter relações com o outro e da exploração de diferentes contextos exteriores de aprendizagem e lúdicos.

Não devemos esquecer que o brincar é...

- ... amizade...
- ... afeto...
- ... divertimento...
- ... imaginar...
- ... aprendizagem...
- ... conhecer...
- ... experimentar...
- ... solucionar...
- ... movimento...
- ... ser livre!

Continua a ser esta a prática pedagógica no Centro Infantil.



Santa Milagreira de Vagos - ERPI

A lenda da Nossa Senhora de Vagos é bem conhecida do povo vaguense e os nossos idosos adoram contar a história da Santa por quem nutrem um carinho muito especial.

Lembramos o milagre de que esta Santa regressava à ermida de Vagos, sempre que era deslocada para Cantanhede. Desde então e todos os anos, os devotos cantanhedenses deslocam-se em peregrinação à Nossa Senhora de Vagos para que possam ter um ano de fartura. Este ano devido a pandemia, esta Festa tão emblemática da vila de Vagos, realizou-se em moldes diferentes. No entanto, e atendendo à grande devoção dos nossos idosos a Santa Maria de Vagos, estes puderam assistir à procissão de forma segura e consciente. Esperamos que para o ano possamos novamente festejar todos juntos e com grande alegria!



Emoções - SAD

Meio Rural por excelência, o concelho de Vagos, em tempos da minha Infância, depois no período escolar, sem tempo para brincar, encaminhávamos a água nas regadeiras, pegávamos na rabiça do arado e não enjeitámos a enxada que nossos Pais, usaram para cavar na terra o Pão para a Fome da Família. Muitos como eu saboreámos a merenda de "escorrido" ou Broa com azeitonas, tragada no Meio do Campo em dias escaldantes de lavoura.

Pouca gente haverá ainda, que se lembre destes passos da minha vida de adolescência.

Para estimular a lembrança dos meus conterrâneos, "estou certo disso" encontrará este texto o melhor espírito compreensivo e o melhor chão para germinar.

A todos um Bem Haja.
J.S. - Cliente de SAD



Que saúde mental queremos para as jovens que estão isoladas na casa de acolhimento há mais de oitentas dias? - CAR

A vida na CAR neste tempo de confinamento devido à covid-19 tem sido vivida como se fora um ioiô, rejeição - aceitação - acomodação - nova rejeição ...

Neste momento as jovens isoladas, mas munidas dos meios que lhe permitem saber o que se passa no exterior, vivem a sua pior fase.

Ficar em isolamento social durante a pandemia, foi e tem sido, para muitas pessoas, evitar cumprimentos mais afetuosos, evitar sair de casa, sair só em caso de necessidade ou em saídas de lazer cumprindo todas as regras impostas. Em casa continuamos a ter as nossas famílias com mais tempo livre para estreitar os laços de afeto. O lar tornou-se ainda mais o refugio onde nos sentimos mais seguros.

A CAR, é o lar temporário das vinte jovens oriundas do distrito de Aveiro, sem laços familiares entre si que afastadas das suas famílias estão a aprender novas rotinas e a aprender a sentirem-se seguras para construir um futuro feliz. Para complicar o processo basta só acrescentar mais regras e fazer o corte com a vida lá fora. É difícil a aceitação e surgem dilemas difíceis de resolver. De um lado temos a visão técnica e institucional que procura oferecer o cuidado, o bem-estar, a segurança, garantindo que nenhuma infeção entra na casa de acolhimento. Do outro lado temos jovens angustiadas, irritadiças, tristes, ansiosas, assoberbadas com todos os cuidados e com muitas saudades das famílias e dos amigos que ficaram do lado de fora das portas que as querem proteger.

As emoções e os sentimentos que emergem ao fim de mais de 80 dias de

total isolamento das nossas jovens são difíceis de aplacar.

Queremos que elas sejam adolescentes normais, mas elas já se sentem diferentes e questionam e rezingam... elas sabem que os amigos continuam com a família todos os dias, elas sabem que os amigos já fazem saídas, elas sabem que os amigos já vão à praia e vão caminhar e vão correr e vão andar de bicicleta...

As jovens da CAR perderam o convívio com os amigos, tão importantes na adolescência, ao deixarem a escola e em simultâneo deixaram de poder estar com as suas famílias. Esta perda tem impacto garantido nas suas vidas, mas é difícil de avaliar, neste momento, as consequências futuras. Todos sabemos que o ser humano tem grande plasticidade que lhe permite resistir e adaptar-se às condições mais adversas, mas a natureza também nos ensinou que só os mais resilientes sobrevivem e se superam.

As nossas adolescentes vivem na CAR porque alguma coisa não correu bem em casa, mas a sua família, única e sem direito a troca ou devolução é, para elas, tão boa como a nossa. É isto que elas nos ensinam todos os dias. Temos que aprender a confiar e a trabalhar em rede lidando com as fragilidades sem temor. Ousar é, neste momento, garantir a sua estabilidade emocional permitindo que elas possam sair e visitar as suas famílias.

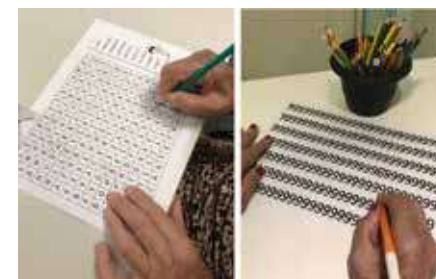
O “desconfinamento” das jovens da CAR é tão urgente como dar água a quem tem sede. Quanto mais isolados estivermos, mais fácil se torna evitar a propagação do vírus, no entanto não podemos correr o risco de jogarmos fora com a água do banho o próprio bebé.

O projeto Memorizar em tempos de pandemia

Em tempos de pandemia, muitos aspetos se alteraram na vivência social. Criaram-se novas rotinas, adaptaram-se serviços e habituámo-nos a uma nova forma de estar. Na realidade do nosso projeto, não podíamos de forma alguma, suspender o apoio, sobretudo nesta fase tão sensível para as famílias. Dentro das nossas capacidades e atendendo às características dos utentes e dos seus cuidadores, desenhamos uma estratégia de apoio que permitiu dar continuidade ao trabalho desenvolvido até então. Não sendo possível inicialmente, prestar um apoio presencial, mantivemos o contacto telefónico com os beneficiários do projeto servindo, não só de suporte psicológico e emocional, mas também ao esclarecimento de dúvidas em relação à pandemia e às necessidades dos utentes. Para a pessoa com demência em estado moderado ou avançado, a noção da realidade atual não é perceptível e por este motivo, as dificuldades na prestação de cuidados é acentuada. Houve assim a necessidade de fornecer, continuamente, estratégias aos cuidadores no sentido de garantir a funcionalidade e o equilíbrio dos utentes bem como a diminuição do desgaste de quem cuida.

Numa época em que se exige restrição nos contactos sociais, a solidão foi uma consequência negativa para todos aqueles que já em períodos regulares enfrentam dificuldades acrescidas com a doença. Por um lado, a pessoa com demência não entende por que razão não pode sair de casa, não pode receber visitas, não pode cumprimentar afetuosamente e muito menos a necessidade de usar máscara. Por outro lado, o cuidador que outrora se refugiava no apoio social dos familiares, amigos e vizinhos, neste momento, viu-se privado de o fazer presencialmente, tendo ainda de explicar continuamente ao utente a necessidade destas medidas. Um efeito

perturbador que procurámos diminuir com o contato regular de suporte e gestão emocional.



Outra das preocupações foi a continuidade dos programas de intervenção cognitiva e sensorial com os utentes. Estando envolvidos num processo contínuo de estimulação cerebral, a quebra nestas sessões regulares poderia desencadear um retrocesso significativo das suas capacidades e do plano terapêutico. De forma a contornar este aspeto, foram desenvolvidos programas de estimulação que são entregues semanalmente aos utentes, sendo apoiados na sua execução pelos seus cuidadores, previamente orientados para este efeito. A aceitação e o sucesso desta medida foi comprovada pelos próprios e pelos resultados clínicos apresentados, motivo de satisfação nesta época adversa.

Luís Ramos – Psicólogo Clínico



Novos casos de pobreza e pedidos de ajuda - SAAS

O Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social de Vagos (SAAS) constitui-se como uma Resposta Social da Santa Casa da Misericórdia de Vagos e destina-se a todos os cidadãos residentes no concelho de Vagos que se encontrem numa situação de vulnerabilidade e/ou exclusão social. Na sequência das medidas decretadas, pelo governo, para conter a propagação da pandemia COVID-19, surgem novos casos de pobreza e pedidos de ajuda que se juntam às situações mais vulneráveis já identificadas na comunidade. A

paralisação da economia trouxe o desemprego de muitos cidadãos e a diminuição de rendimentos de muitas famílias fragilizando o seu orçamento familiar.

O SAAS de Vagos registou, desde 16 Março, 51 novos pedidos de apoio. Destes pedidos destaca-se o apoio alimentar seguido do apoio para cooperação familiar (água e luz) e medicamentos. Para dar resposta a todas as solicitações foi importante a estreita articulação com todos os agentes locais (Segurança

Social; Autarquia; Centro de Saúde; IPSS; Juntas de Freguesia; grupos sócios caritativos e mesmo com a sociedade civil) que se mobilizaram numa onda de solidariedade e entre ajuda, permitindo, no imediato, assegurar as necessidades básicas destas famílias.

De referir que, durante a fase de confinamento, o serviço manteve-se em funcionamento, com um técnico em teletrabalho e outro na sede do SAAS, dando sempre preferência aos contactos alternativos (via telefone e e-mail), de

forma a reduzir os contactos presenciais. Continuamos a apoiar diretamente as pessoas que mais precisam. Mantem-se os atendimentos presenciais sede, previamente agendados com a técnica de referência.

A Equipa Técnica encontra-se disponível das 09h00/12h30 – 13h30/17h00, por telefone e e-mail. Não hesite em contactar-nos!

Os contactos Telefónicos: 924 101 536 /924 101 537/ 234 427 637
Email: saas@scmvagos.eu

NOSSA SENHORA DE VAGOS

A devoção de sempre com segurança reforçada

Devoção com segurança reforçada, em dia de feriado municipal, este ano particularmente evocativo de Nossa Senhora de Vagos, onde na capela do santuário o bispo diocesano celebrou, sem a presença de fiéis, a eucaristia festiva. Para além de D. António Moiteiro e do vigário-geral, padre Manuel Joaquim Rocha, marcaram presença os párocos de Vagos e Cantanhede, para além dos presidentes da câmara de Vagos e Cantanhede, entre outros. A missa foi transmitida on-line, pelo canal da diocese no youtube, na sua página de facebook, e através da Vagos FM.

Na homilia, o bispo de Aveiro considerou “estranho” celebrar “com meia dúzia de pessoas, quando o normal seria para milhares”, e admitiu ter sido difícil suportar o confinamento. Lembraria, a propósito, a dor dos familiares, o isolamento de quem está em lares, o desânimo de quem perdeu o trabalho ou as fontes de rendimento. E que desafios para depois da pandemia? D. António Moiteiro respondeu com as palavras motivadoras do papa Francisco, que diz “quem não arrisca não caminha”. E caminhar, neste tempo, conforme reconheceu o bispo de Aveiro, é “ter audácia suficiente para romper com certos

preconceitos, medos e comodismos”, mas também “a coragem de construir uma igreja e uma humanidade diferente”.

LOTAÇÃO VIGIADA. Canceladas pela igreja católica, que desaconselhou manifestações coletivas, a paróquia de Vagos tomou medidas de segurança adequadas, vedando o espaço do santuário, cuja lotação máxima era de “apenas 80 pessoas”. No exterior do recinto, o negócio [não autorizado] da tradicional venda de cerejas, acabaria por durar pouco tempo face à intervenção da GNR.



Ao princípio da noite, a imagem da Senhora de Vagos regressou à rua. Desta feita não em procissão, cumprindo a tradição, mas, como tinha sido previamente anunciado, transportada num veículo operacional dos bombeiros. Ao som de cânticos e preces haveria de percorrer as principais artérias da vila, e também de Lombomeão, tendo sido acolhida, ao longo do trajeto, com velas e flores.

De referir que, à passagem pelo quartel-sede dos Bombeiros, os operacionais da instituição vaguense fizeram questão de homenagear e agradecer a proteção concedida. Com continência armada e a sirene a tocar, durante 12 segundos, cada segundo correspondendo a cada mês do ano, em que, de acordo com a corporação vaguense, “a Senhora de Vagos nos acompanha nas nossas missões”. Momento “marcante e inesquecível”, também para os católicos, que registou a de muitas dezenas de populares, que assistiram, em segurança, à passagem do cortejo.

EJ

TESTEMUNHO

Senhora de Vagos confinada no coração dos peregrinos

Já lá vão uns bons anos em que eu, como membro do Conselho Económico Paroquial, colaborei nos serviços de apoio ao santuário de Nossa Senhora de Vagos. É mesmo esta a principal atribuição que esse Conselho me confere. É um encargo exigente porque pede muita atenção e trabalho para que tudo esteja sempre o melhor possível. Mas é também gratificante pelas lições de fé e amor à Mãe do Céu, que recebemos diariamente, dos devotos que frequentam este santuário. Se durante todo o ano o santuário é visitado por muitas pessoas, que ali vêm junto de Nossa Senhora louvar, pedir e agradecer com muita fé e alegria e também algumas lágrimas,

é sem dúvida notável a festa de Nossa Senhora de Vagos, que ocorre na segunda-feira a seguir ao domingo de Pentecostes. Passada a Páscoa, nós começamos a vislumbrar a festa, pois há muita coisa a fazer para a sua preparação. Não tem conta as pessoas que nos perguntam “em que dia é este ano a festa?”. Chegado esse dia, antes que o sol nasça já nós ali estamos com a capela e o andor enfeitados, os altares com as melhores toalhas, a Nossa Senhora e o Menino com seus vestidos e manto de festa – enfim, tudo o melhor possível. Então começa o movimento dos peregrinos. Chegam a pé, de carro e autocarro, todos os caminhos de entrada no santuário estão

superlotados. Chega a peregrinação de Cantanhede, em procissão organizada. É a eucaristia, com a participação de milhares de pessoas que enchem o recinto. É a bênção do bodo dos peregrinos de Cantanhede. São as centenas ou milhares de velas acesas, cuja chama se funde numa só, a arder no velário, que ali foram colocadas pelos fiéis desde o nascer ao pôr-do-sol. Nos intervalos das cerimónias religiosas é a romaria portuguesa, que se vive naquele recinto cheio de alegria. E a concluir, às 21 horas, a saída da procissão das velas com a imagem da Senhora de Vagos, que quando chega à igreja matriz leva milhares de pessoas a

acompanhar, com a sua vela acesa na mão. Foi um grande dia e bem cheio. Para nós, os vaguenses, que vivemos esta festa desde crianças, este dia não passa indiferente a ninguém, crente ou não crente. É assim a nossa festa...

E este ano? Preparámos tudo, como nos anos anteriores. E tudo foi assim preparado porque, cremos bem, mesmo sem a presença física dos peregrinos, a festa e a Nossa Senhora, neste dia, estiveram bem presentes e bem vivos na sua mente e no seu coração.

Maria Eduarda

DESPORTO

QUE FUTURO PARA O DESPORTO?

Existe um antes e um depois do Covid, no que diz respeito ao desporto.

O que se tem agora é algo impensável, um cenário espectral, desolador. Onde antes existia vida, celebração, competição, agora há um deserto, no sentido literal do termo. Uma alteração tão drástica e repentina nos nossos costumes que nos apanhou, a todos, desprevenidos. O panorama apocalíptico trouxe, com ele, passada a onda da surpresa e a fase de conformismo, a necessária capacidade de adaptação.

Mas, mesmo esta, é selectiva. Um clube profissional, independentemente da modalidade, tem uma maior facilidade em sobreviver. Pese os desafios colocados serem, eles mesmo, um adversário tremendo, uma espécie de Adamastor, a estrutura profissional,

a existência prévia duma massa adepta que se torna, mais do que um elo de ligação, um elemento aglutinador de receitas, são factores que ajudam a mitigar os efeitos duma paragem forçada. Mas, e o resto? Os desafios vividos pelas colectividades amadoras, por clubes federados que apostam essencialmente na formação, não são ainda quantificáveis. Com toda a actividade suspensa, com uma componente de incógnita para o futuro imediato, com o definhar da capacidade de receita, fazem-se necessárias contas à vida e tenta-se, ainda sem perceber em que moldes, um regresso à normalidade.

Num mundo novo, a que nos habituamos com inesperada facilidade, não há ainda uma resposta concreta às perguntas formuladas. As competições ditas amadoras, não profissionalizadas, encerraram sem honra nem glória, sem

campeões anunciados ou prémios distribuídos. Tudo ficou congelado num limbo, como se alguém, por acidente, tivesse carregado num botão de pausa que administrasse este nosso mundo, parando todos os eventos, mesmo aqueles com repercussão à escala planetária, como os Jogos Olímpicos ou o Europeu de futebol. Num clube regional, o impacto é devastador. A formação parada significa o estancamento duma preciosa fonte de receitas. Os eventos laterais, criados pelos clubes como forma de complemento do orçamento, ficaram suspensos e, com eles, a economia paralela de angariação de fundos. Resta apenas, muitas vezes, como farol no meio duma tempestade, o apoio camarário, ao abrigo dos programas de apoio ao associativismo e colectividades desportivas. Os custos, esses, fixos, mantêm-se lá, obrigando a uma ginástica financeira para impedir uma asfixia total.

O day after não trará uma normalidade como antigamente. O desporto vai voltar, mas fazendo jus ao dogma que foi criado com esta pandemia. Nada mais será como antes. Pode parecer fatalista a sentença, mas as regras de distanciamento social, os cuidados férreos com as questões de segurança, não vão impedir a “miudagem” do Concelho de regressar às actividades. Vão é transformá-las em algo hermético, uma bolha segura, sem contacto físico, sem público, sem manifestações efusivas de alegria, num ambiente esterilizado. O desporto, nos próximos meses, vai ser algo diferente, atípico. Vai ser extirpado do que realmente devia importar: o prazer de praticá-lo.

Paulo Pereira



MISTOLIN
Pro

CUIDADO PROFISSIONAL EM **PRIMEIRO** **LUGAR**

SOLUÇÕES PROFISSIONAIS DE HIGIENIZAÇÃO



DESINFEÇÃO



PAVIMENTOS E SUPERFÍCIES



COZINHA



LAVANDARIA



(+351) 234 799 120



info@mistolinpro.com

www.mistolinpro.com



PARÓQUIAS PRIVILEGIADAS

Alegria pascal partilhada à porta de casa

Páscoa na rua. Bem diferente para a maioria da comunidade, a vivência da Páscoa no arceprelado de Vagos teve contornos inéditos. Porventura gratificantes. Para além das eucaristias não presenciais, transmitidas via internet, a tarde de domingo de Páscoa levou o ícone Jesus Cristo Salvador do Mundo, de El Greco, a passar “à porta das pessoas”. A imagem percorreu [em viatura] as paróquias de Santo António, Soza e Fonte de Angeão, e segundo o Pe. Nuno Queirós, foi ocasião para “cruzarmos o nosso olhar, manifestarmos a nossa alegria e celebrarmos a nossa Páscoa”.

A ação foi bem acolhida pela população, que saudou, à porta de casa, a passagem do cortejo. Salvaguardadas todas as condições de segurança sanitária, tanto “no domínio da saúde pública como da justiça”, tal experiência foi, segundo aquele sacerdote, “excelente oportunidade de evangelização, celebração e alegria partilhadas”. Pelo que o resultado só podia ser “a alegria pascal partilhada de todos, carinho e satisfação dos paroquianos”, acrescentou.



A iniciativa apenas “vingou” naquelas paróquias, já que Covão do Lobo, Santa Catarina e Ponte de Vagos não avançaram, depois do responsável paroquial ter recebido o comunicado do bispo de Aveiro. Ouvido por este jornal, o Pe. Ivanil Portela disse que “tomou à letra” as instruções do bispo diocesano. E admitiu que aquilo que se passou nas outras paróquias acabou por “dividir o arceprelado”. Afinal, o que recomendava D. António Moiteiro? Face à conversa que teve com o comando distrital da GNR, o bispo solicitava aos sacerdotes que “se abstivessem de manifestações que levassem a ajuntamentos de pessoas”. Interpretado de diversas formas, no fundo o bispo “não proibia de todo as manifestações planeadas”, como reconheceu, mais tarde, o vigário geral da diocese, Pe. Manuel Joaquim Rocha.

EJ

Já em tempos de "desconfinamento", o que aprendemos durante o confinamento?

É-me muito difícil escrever sobre o confinamento: trata-se de um anti tempo, um eclipse nas nossas vidas.

A vida não é isolamento, a vida é, antes de tudo partilha - é assim que a entendo. Este isolamento é apenas preventivo, só assim o acolho; não, não é definitivo; não pode ser definitivo! Sendo-o, só com novos paradigmas à existência humana ou o descalabro estará ao virar da próxima rua.

O isolamento preveniu a subida exponencial de casos covid. Certo!

Mas estará o pós-isolamento bem balizado no nosso pensar, sustentado por novas formas de estar em sociedade? Todos nos interrogamos sobre esta “nova realidade”. Todos já opinaram ou encolheram os ombros sobre o “novo normal”. Não, não consigo entender esta “normalidade”.

Pior ainda: o “vai ficar tudo bem”! Nada vai ficar bem. Não podemos ignorar os lutos de tantas famílias! Nunca mais seremos os mesmos. Eu acreditava numa sociedade de seres confiantes no nosso semelhante, aumentados no nosso “eu”, a cada interação com o “outro”.

Se de confiança fomos instruídos, de partilha em partilha, fomos crescendo para a nossa grandeza interior, enquanto ser social que somos, agora, é no distanciamento social que se jogam as novas regras? É assim que vai ser, é assim que terá de ser forçosamente? Todos estamos conscientes das aprendizagens necessárias durante este estado preventivo?

A vontade exacerbada de voltar “ao normal” pode deitar a perder todos estes meses de clausura. Todos queremos abraçar e eu não sou exceção! Todos

queremos voltar à “normalidade”, mas a que preço?

Estamos realmente prontos para rever e reajustar as nossas atitudes, as nossas responsabilidades? Subscrevemos voluntariamente o novo código do dever do ser humano do “pós confinamento”?

Basta sairmos à rua e as buzinas dos automóveis soam-me mais agressivas. Ou estarão os meus ouvidos mais sensíveis, face aos rituais do isolamento? Sinto que voltamos à rua com mais pressa, com mais ansiedade. Por mim, já só me sinto confortável em casa. A rua tornou-se fonte de muitas questões, de muitas dúvidas e respetivos sofrimentos: duvidar de quem passa por nós, retendo a respiração, mesmo por detrás da máscara, é um pesadelo que ainda não integrei nos meus códigos, mas já o pratico; faço-o num misto de prevenção e medo de “sabe-se lá o quê”!?!

E fico sempre a pensar quando acabará este pesadelo? E sofro por me ter imposto a mim, ser de interações, um hábito de isolamento que me faz sofrer, mirrar, duvidando de mim mesma: “Estou a fazer tudo certo? Esqueci algum procedimento? Vá: lavar as mãos antes de avançar para qualquer nova tarefa! Que mais neste labirinto de dúvidas e de questionamentos nos espera?

Para mim, “confinamento”, depois de “isolamento”, só rima com “sofrimento”!

E outros tormentos tenho albergado em mim...

Desde a ordem de confinamento, nunca mais saí de casa; valha a verdade: saí de três em três dias, em média: quando faltava o pão e a fruta, para o pequeno almoço do dia seguinte. Vivi de enlatados,

tão “enlatada” me sentia quando saía à rua; a cada legume que toquei, perguntava-me quantas pessoas já lhe teriam tocado e em que condições. Isto é viver? Pois não, não é viver! Porque para mim viver é conviver, confiar... Não consigo determinar o quanto sofro a cada uma das minhas próprias regras estabelecidas! Basicamente, suspendi-me da minha vida “normal”!

Podia continuar a escrever e tudo continuaria a significar apenas todas as minhas dúvidas!

Como sempre, desde sempre, a autorregulação é a resposta para as nossas ânsias e dúvidas. Mas as dúvidas não se desvanecem com regulações: tal como em sociedade, não temos que ter um polícia para cada cidadão. Na escola, não pode haver um apoio individualizado para cada caso e são tantos!! A responsabilidade por todos e cada um é a única certeza que me resta.

As minhas certezas continuam as mesmas com que comecei este documento: o ser humano construiu-se, desde o infinito dos tempos em círculos sociais, familiares, crescendo graças a interações (de preferência, positivas). O confinamento revelou-se o seu oposto. Só a responsabilidade de preservarmos o nosso semelhante o justificou e validou. NUNCA poderemos esquecer esta premissa - preservar os nossos idosos, a memória de como somos capazes, humildese sempre solidários.

De tudo o que ficou na nuvem das minhas dúvidas, apenas quero realçar algo tenho como certo: as jovens utentes do Centro de Acolhimento Residencial (CAR), da Santa Casa da Misericórdia, algumas delas minhas alunas também, tiveram uma verdadeira rede de suporte. E a pergunta que já se coloca: todas querem

da mesma maneira abraçar, em seu favor, este benefício que a grande maioria dos estudantes não dispõe? Sim, a maioria das famílias não têm a capacidade de acompanhamento que a SCMV organizou para as nossas jovens.

Todas vão sair a ganhar desta experiência que, mais do que do trabalho, se engrandeceu de atos de solidariedade. Esta pandemia, cuja origem, é alheia a todos nós, trouxe-nos exemplos de abnegação, de altruísmo e de grandeza humana. Esses exemplos devem ser desmontados perante as nossas jovens para que deles (dos exemplos) seja extraído o que de bom tem para as suas vidas futuras.

A sua situação de “reclusão”, de afastamento das rotinas exteriores, ainda que desconfortável foi muito apoiada pelo trabalho de todas as equipas que as acompanham. E, nesta época de confinamento, foram reforçadas com elementos das valências que foram encerradas por determinação superior. Estas equipas tudo fazem para que, mesmo sem as famílias, as jovens se sintam válidas, acompanhadas e orientadas. E tudo tem corrido pelo melhor, até aqui. Que assim continue no desconfinamento.

Alguém, um dia, disse que as oportunidades são de quem as agarra e as aproveita. Há situações que não mudam de um dia para o outro e muito menos, por decreto. Mas a grandiosidade dos exemplos que vivemos em dias de dificuldades, deixarão sementes para as vidas e projetos futuros.

Um bem-haja a todos quantos lutam, no dia a dia, para dar as respostas positivas possíveis. Quero acreditar nesta força.

Maria do Céu Matos

Fora da Pandemia

Agora que entrámos no 3º período de desconfinamento é altura de avaliar o impacto da pandemia na economia nacional e local e no tecido empresarial português. Enquanto muitos comentadores e analistas debitam conhecimentos académicos e propõem soluções de laboratório, os empresários das mais diversas áreas, nomeadamente os que estão sediados em Vagos, procuram soluções práticas para manter as empresas em funcionamento e implementam medidas concretas para salvaguarda dos postos de trabalho, ao mesmo tempo que impõem restritas e exigentes medidas de segurança e proteção para os seus trabalhadores. São novos desafios para um setor que está constantemente obrigado a lidar com o incerto e o imprevisível e que traduz esses imponderáveis em oportunidades de aprendizagem e de crescimento.

É evidente que as empresas portuguesas sofreram um significativo abalo com a crise provocada pelo surto de coronavírus e subsequentes medidas de confinamento social decorrentes do estado de emergência. Impõe-se, portanto, uma reação pronta e adequada das empresas, bravura e ousadia por parte dos empresários e iniciativas claras de apoio por parte do Estado. É que só com esta forte

conjugação de esforços é possível encontrar um ponto de retorno, voltar à competição, encontrar motivação para voltar a fazer, continuar a fazer, fazer mais e melhor do que já se fazia. Um ponto a favor das empresas é a capacidade que têm tido para reagir depressa e bem, reorganizar-se estruturalmente, com trabalho remoto, quando necessário e possível, adequar o seu produto às necessidades do atual contexto e, ainda, aproximar-se dos clientes de forma a entender o que pretendem num tempo que é invulgar.

Nesta crise, como em todas as outras, distinguem-se os vencedores dos vencidos e os primeiros são aqueles que conseguirem prever cenários, antecipar mudanças e comportamentos e tirar partido de tudo isto. O empresário de sucesso, mais do que um afincado trabalhador, é um visionário, e um visionário que arrisca. Neste momento, há um ponto em comum em todas as empresas, que é a sua dependência das competências digitais, que agora têm que ser usadas em todas as vertentes de negócio, desde o marketing até à venda do produto. E este será um modus operandi a ser utilizado para lá deste período de crise, com tendência para que a digitalização dos negócios venha a acelerar. Para tal, impõem-se novas

responsabilidades, uma gestão de topo enérgica e a constatação de que este período de crise pode trazer novos hábitos de consumo e que as empresas devem daí retirar valor.

O tecido empresarial de Vagos é vasto e diversificado, havendo empresas que tiveram necessariamente que continuar a laborar, dada a natureza dos seus produtos e a sua importância para o período crítico que vivemos. Temos, por exemplo, uma empresa que produz frascos para a indústria farmacêutica, outra, que produz desinfetantes para empresas e privados e, ainda, uma empresa do ramo alimentar, que trabalha com produtos congelados. Qualquer uma destas empresas teve um incremento na sua produção. O mesmo se verificou em alguns setores da área do comércio, nomeadamente a venda a retalho de bricolage, que teve a sua atividade reforçada. A alimentação do agregado foi a grande preocupação das famílias, sobretudo no que respeitava à deslocação para abastecimento, e à segurança dos produtos e dos espaços comerciais, daí que muitos tenham optado por se abastecer localmente e com produtos igualmente locais, muitas vezes diretamente ao produtor, o que se revelou uma mais valia para a produção agrícola do concelho. Por último, ao nível dos



serviços, assinalar o papel preponderante dos contabilistas na difusão de informação aos seus clientes empresa, no âmbito do vasto normativo que tem sido divulgado no apoio às diferentes atividades económicas. "O vencedor não será o mais forte, mas aquele que melhor se adaptar" Charles Darwin

Serafim Marques
Presidente do NEVA

Atualidade

PALACETE. Com data de 19 de maio, foi publicado, em Diário da República, a abertura de concurso público para a reabilitação do Palacete Visconde Valdemouro. Tratando-se de um dos edifícios mais emblemáticos do município, a câmara assegura que pretende "dotar Vagos de um equipamento que o possa servir em todas as dimensões culturais". O projeto, lançado a concurso por um valor base de 3.550 milhões de euros, tem prazo de execução de 730 dias.

DESINFEÇÃO. A câmara suspendeu a desinfeção das ruas do concelho de Vagos porque, afinal, tal ação "não elimina o vírus e coloca riscos sanitários". O alerta foi deixado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que a 15 de maio reavaliou o processo. Naquela data o município pediu parecer à Delegada de Saúde local sobre o assunto, tendo suspenso o processo em todas as freguesias.

BANDEIRAS. As praias da Vagueira (32º ano) e Areão (13º) voltaram a ser distinguidas com a "Bandeira Azul". O galardão é da responsabilidade da Associação Bandeira Azul e o anúncio foi feito pelo Turismo do Centro de Portugal. Ambas as praias cumpriram os critérios e requisitos necessários, nomeadamente quanto à Informação e Educação Ambiental, Qualidade da Água, Gestão Ambiental e Equipamentos e Segurança e Serviços. Atribuída pela Quercus, a "Praia de Ouro" também vai chegar à Vagueira, Labrego e Areão.

DUNAS. Já teve início a empreitada de colocação de shots de areia, que irá ser um importante contributo na realimentação da duna primária, realizado através de um processo de sucção e de repulsão de mais de 2 milhões de metros cúbicos de areia na deriva e junto à costa. A obra que há muito foi

prometida (inclusive na Praia da Vagueira), pelo Ministério do Ambiente, e que agora se cumpre.

MERCADO. Depois de ter estado encerrado durante o período de estado de emergência (cerca de dois meses), decorrente da COVID-19, o mercado do peixe da Praia da Vagueira reabriu a 23 de maio, para retomar a sua atividade. Visando a salvaguarda e segurança de comerciantes e compradores, o mercado passou a observar todas as determinações e requisitos, em linha com o disposto pela DGS, quanto ao distanciamento social, número limitado de presenças no interior do espaço e utilização de equipamentos de proteção individual.

ESCOLAS. Enquadrado no regresso às aulas presenciais no concelho (do 11º e 12º anos), a empresa Mistolin Pro entregou a cada um

dos alunos um frasco de 75ml de Alcolgel. O Agrupamento de Escolas de Vagos, e o Colégio Nossa Senhora da Apresentação (Calvão), tiveram um regresso às aulas pautado por uma serenidade e posturas exemplares, tanto dos corpos docentes como dos próprios alunos. Irrevogável, a decisão que impunha, no contexto da COVID-19, a proibição de "festivais de música e espetáculos de natureza análoga até 30 de Setembro", atingiu o Vagos Metal Fest, que deveria acontecer de 30 de julho a 1 de agosto. "Voltaremos em 2021, em segurança e com vontade de viver tudo aquilo que o festival representa com o dobro da força, com o dobro da vontade de celebrar a nossa cultura", anunciou a organização.

O CANTINHO DE JOÃO FERREIRA

FALANDO DE JOSÉ ANTÓNIO DE ALMEIDA ESCRITOR DE SOZA

Desta vez irei aqui lembrar um escritor natural de Soza, que nasceu nessa vila em 1863.

Irei não só falar neste natural de Soza, que escreveu dois livros, um dos quais "Tempos Antigos e Medievais", que eu já li, em tempos muito recuados e de que até decorei algumas passagens, mas também falarei de certas coisas da sua vida.

José António de Almeida escreveu também outro livro, que teve o título de: "Direito Fiscal dos Municípios", que eu não li e que, como o título deixa perceber era referente à sua profissão, uma vez que ele foi formado em Direito na Universidade de Coimbra e até foi filiado no Partido "Regenerador" no tempo da Monarquia, quando, após obtida a licenciatura, na juventude, passou a residir, algum tempo na capital.

O que muita gente não saberá é que



José António de Almeida também foi um dos 68 sócios fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Ovar, quando ali residiu, tendo-se deslocado a Londres para defender os interesses da referida instituição.

José António de Almeida foi também Administrador Interino no concelho de Ovar e foi ainda nomeado Conservador do Registo dessa que é hoje cidade.

Embora residindo em Ovar era um apaixonado pela terra onde nasceu, Soza, que ali veio muitas e muitas vezes. De tal forma era apaixonado por Soza que, mercê de muitas horas roubadas ao descanso, escreveu acerca desta terra o livro: "Tempos Antigos e Tempos Medievais da Vila de Soza".

Nesse livro, que como disse já li na minha quase juventude, e em que José António de Almeida vai até ao mais ínfimo pomenor, escrito em 1949, faz referência à estrada "Fluvial-Rio Boco" que ia de Aveiro a Rio Tinto, passando por Ílhavo, Vagos, S. Romão e por onde, outrora, em tempos muito recuados passaram caravelas Fenícias e Romanas. Ele dá também destaque à Ordem dos Templários, e à Ordem de Santa Maria

de Rocamador, de que na igreja de Soza até existe uma imagem.

No livro José António de Almeida também fala no local onde se situavam as "forcas" de que o povo de Soza ainda hoje fala e eram localizadas onde hoje está o Campo dos Lagos.

Acerca desse lugar, quando ali existiam a forcas, eu vou lembrar uma quadra desse livro, que é esta:

"Quando no alto da força
Vires meu corpo estremecer
Pede a Deus por minha alma
Adeus Márcia, vou morrer!".

Ao escrever sobre pessoas do nosso concelho, como José António de Almeida e outros, penso estar a contribuir um pouco para retirar do quase anonimato certos vultos importantes do concelho de Vagos.

João dos Santos Ferreira

Centro Social e Bem Estar de Ouca

Dedicação, Amor, Coragem e Esperança

Foi assim que durante estes últimos dois meses, as colaboradoras do Centro Social e Bem Estar de Ouca enfrentaram o desafio de trabalharem vários dias seguidos. Se foi fácil? Claro que houve momentos em que o cansaço era grande, mas o amor e o sentido de missão superou todas as dificuldades. Não desanimar, foi o nosso lema.



Obrigado, a todas as colaboradoras (Lares e Serviço de Apoio Domiciliário), pelo forma exemplar e profissional que cuidaram dos nossos idosos.

Obrigado, às colaboradoras da área da infância por terem aceitado o desafio de trabalhar e cuidar dos mais vulneráveis. Bem hajam !!!

No dia 2 de junho, reabriu a área da infância (Creche /AAAF), seguindo as orientações da Direção Geral de Saúde.

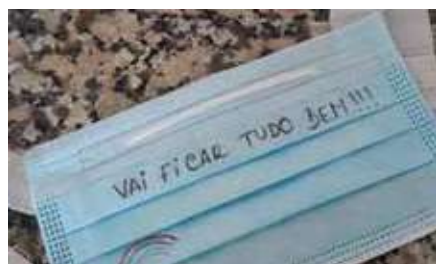


Centro Social e Paroquial de Santo António

“Apesar de fechados dentro desta Casa, muita coisa se tem passado lá fora, cá dentro e dentro de nós também... Da nossa rotina faziam parte inúmeras visitas por dia e há meses que não entra cá ninguém... E isso fez-nos pensar. Deixarmos de ver as nossas famílias a entrar por esta porta, fez-nos valorizar, ainda mais, cada momento que estamos com elas e cada abraço dado, pois no final de contas... não sabemos quando será o próximo! A internet e os telefones foram uma grande ajuda para falarmos e vermos as nossas famílias, valerem-nos as videochamadas! Os tempos mudaram, e ainda bem, pois nunca na vida pensámos ser possível vermos quem amamos, em tempo real, enquanto falamos e, desta forma, atenuamos um pouco as saudades que vão cá dentro. Sabemos que não estamos esquecidos!

Agradecemos todos os dias a Deus, pois achamos que o nosso país se comportou muito bem, para além de que tivemos, também, muita sorte o que nos permitiu mantermo-nos com saúde, assim como as nossas famílias. Por outro lado, rezamos também por todos, os que foram atingidos por esta doença, todos aqueles que perderam os trabalhos, que estarão a passar dificuldades, pois, de facto, é uma calamidade que atingiu todos os estratos sociais, não escolhendo ricos ou pobres...

E nós mantemo-nos “fechados”, mas as nossas famílias estão piores, pois continuam a trabalhar, a tratar dos filhos, a ter de andar na rua... e nós, de alguma forma, estamos protegidos aqui dentro. E por isso mesmo, agradecemos à equipa de colaboradores que trabalhou e trabalha, incansavelmente, para nos dar o melhor e proporcionar bons momentos, nesta época mais difícil. Se não fossem eles, o que seria de nós?”



E nós, os colaboradores desta casa, queremos também agradecer aos nossos residentes pela partilha mútua de emoções, por nunca terem perdido a esperança, e por acreditarem sempre que vai tudo ficar bem! Somos família de coração e é isso que nos ajuda a ter alento, nestas últimas semanas, em que tudo à nossa volta está tão complicado... Deixamos um abraço cheio de força e esperança a todos! Vai tudo ficar bem!

CASD Santa Catarina



COMUNICADO

De acordo com o que foi definido e decretado pelo Sr. Primeiro-Ministro a 30 de abril de 2020, a CASDSC irá proceder à reabertura gradual e condicionada das diversas Respostas Sociais, assim:

Respostas Sociais	Datas previstas de reabertura
CRECHE	2 de junho
PRÉ ESCOLAR	2 de junho;
CATL	Aguardamos indicação de reabertura
CENTRO DEDIA	Aguardamos indicação de reabertura
CAO	Data a definir

- 1 de junho (segunda-feira) feriado Municipal

As demais condições de acesso e permanência na CASDSC serão transmitidas oportunamente aos respectivos utentes, familiares e encarregados de educação. Estamos disponíveis para qualquer informação, através dos seguintes contactos:

☎ 234 783 936/ 961 447 777

✉ casdsc@casdsc.pt

Santa Catarina, 29 de maio de 2020

A Direção da CASDSC



VAGOS, um Município que vale a pena conhecer!

www.cm-vagos.pt    / [municipiovagos](https://www.youtube.com/municipiovagos)